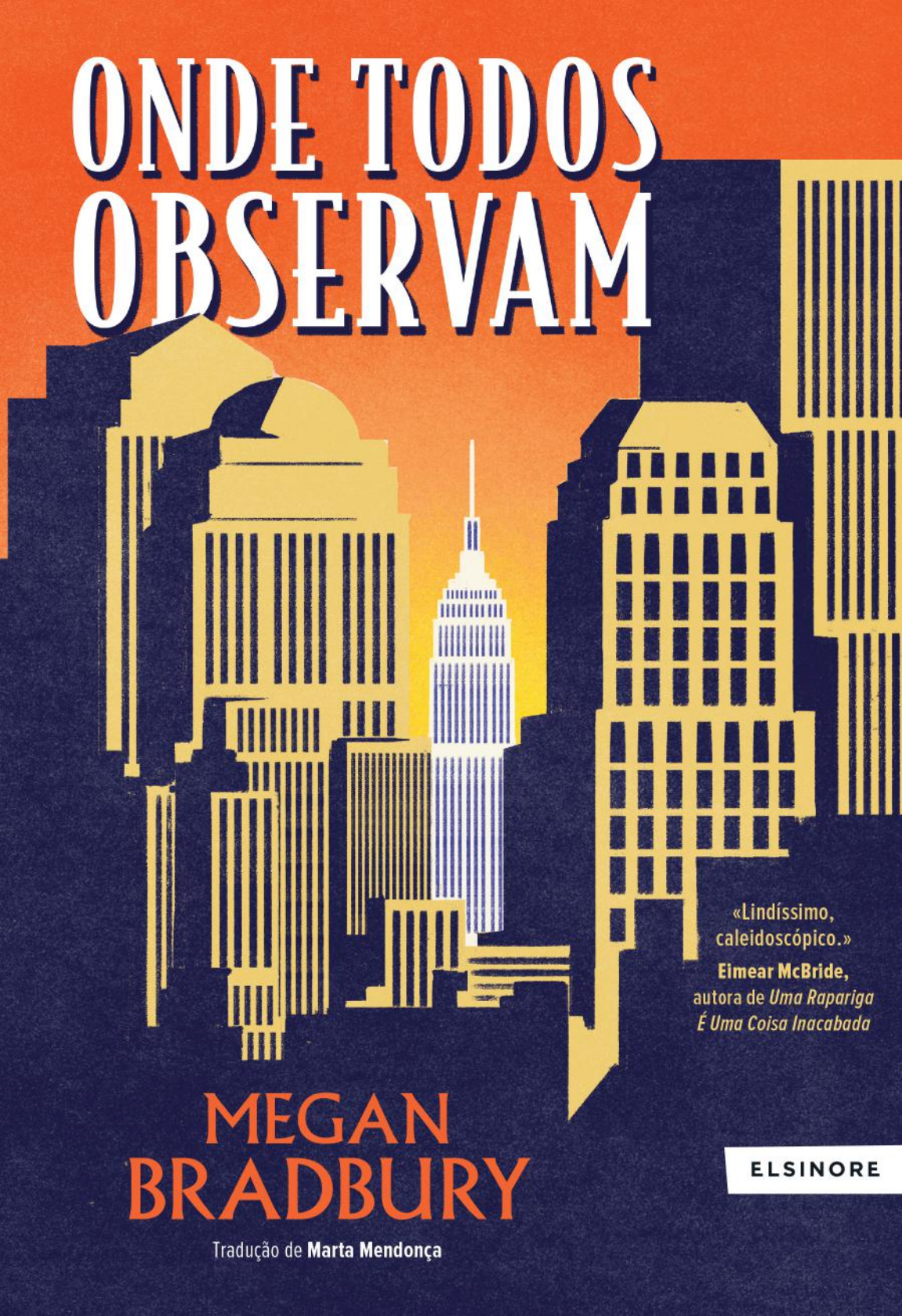


ONDE TODOS OBSERVAM

A stylized illustration of a city skyline, likely New York City, featuring several prominent skyscrapers in yellow and white against a dark blue background. The Empire State Building is centrally located and stands out with its white facade and blue-tinted windows. Other buildings are depicted in yellow with vertical or horizontal lines representing windows. The overall style is graphic and modern.

«Lindíssimo,
caleidoscópico.»

Elmear McBride,
autora de *Uma Rapariga
É Uma Coisa Inacabada*

MEGAN
BRADBURY

Tradução de **Marta Mendonça**

ELSINORE

Para o Ben

Embora este romance tenha sido inspirado numa cidade real, e na vida e obra de pessoas reais, deverá ser encarado como um trabalho de ficção. Sempre que se baseie diretamente em obras existentes, estas serão devidamente reconhecidas no final do livro.

A saudade em grande escala é o que faz a História.

Don DeLillo, *Submundo*

Robert Mapplethorpe arranca uma página da revista e recorta à volta do tronco, perna e pila do tipo. Em seguida, cola essas partes no papel. Encontra-se deitado num quarto escuro em Brooklyn. O ano é 1967. Ouve pessoas a andarem de um lado para o outro na casa. Tem a sensação de que o tempo avança sem ele. Sente-o de forma intensa e na boca do estômago. Sente a vibração do metro.

Quando atravessa a Ponte de Brooklyn, sente-se no topo do mundo. O metro está imundo e fervilha de vida. O ribombar das carruagens é música. O graffiti no interior das mesmas é arte. A ascensão do metro para o passeio é uma ascensão ao céu. Nas agitadas ruas da baixa ele nunca se sente só.

Certa noite, no seu quarto escuro em Brooklyn, Robert desperta de um sonho. Luzes intensas emolduram uma figura parada na entrada.

Ando à procura de uma pessoa, diz ela. Sabes onde é que ele está?

Ela desvia o rosto de Robert, na direção da luz.

Ele está acordado. Tem os olhos abertos. Não consegue falar.

Robert volta a ver esta rapariga na loja onde ela trabalha. Entrou apenas por causa de um artigo lindíssimo, o colar persa que está na montra, mas agora há também a rapariga.

Ela hesita em vender o colar. Quere-o para si.

Só to deixo comprar se prometeres dar-mo, diz ela.

A rapariga dirá, anos mais tarde, que eles estavam destinados a encontrarem-se — será um dos temas de conversa entre eles —, que fora obra de Deus, ou do diabo — juntar os dois lados da mesma pessoa.

No caminho de regresso à sua casa em Brooklyn, os dedos de Robert apalpm o colar que leva no bolso. Sente-lhe o peso. Recorda o terço que utilizava em criança. Quantos Ave-Marias para isto, interroga-se.

Robert torna a ver a rapariga em Tompkins Square Park. O céu negro está repleto de estrelas. Nessa noite, não parecem tão distantes como de costume. Os desenhos que ele fará posteriormente estarão relacionados com o espaço e com a vida depois da morte, duas coisas que são mágicas porque jamais podem ser alcançadas.

De repente, a rapariga acerca-se dele. Robert está convencido de que ela é uma repetição ou uma confirmação dos seus pensamentos. Ela fala muito depressa. Ele fará tudo o que ela quiser — basta olhar para ela.

Andam aos ziguezagues pelos quarteirões da cidade. Ela é mais rápida do que ele. Arrasta-o com ela. Ele voa, desprovido de peso. O nome dela é Patti. Ele diz que se chama Bob.

Oh, não. Posso tratar-te por Robert?, pergunta ela.

Robert é oriundo de Floral Park, em Queens. Floral Park é um estudo de natureza-morta onde tudo foi meticulosamente organizado. Todas as portas de entrada estão pintadas da mesma cor. Todos os relvados estão aparados à mesma altura. À porta de cada casa há uma bandeira dos Estados Unidos, que esvoaça ao vento e congela no inverno. Há também um caminho de acesso limpo e um relvado bem cuidado.

O Robert Mapplethorpe com oito anos está sentado em cima do tapete da sala de estar em Floral Park, enfiando contas num colar para a mãe. Está a fazer um dos seus primeiros colares. O televisor tem o som no mínimo. Robert espreita por entre a neblina do fumo de cigarro, embrenhado na sua tarefa. O tapete — macio e quente debaixo dele — e a mãe perto dele, o bruxulear da televisão vislumbrado pelo canto do seu olho, uma conta e depois outra, organizando-as à medida que vai avançando. Nunca se engana. Cada conta é inserida na ordem que ele quer: uma conta e depois outra e outra ainda.

O pai de Robert faz o trajeto de uma hora e vinte minutos para a cidade, todas as manhãs, e não se queixa.

Agora encontra-se sentado na carruagem do metro, lendo o jornal da manhã. Levanta-se para ceder o seu lugar a uma jovem mulher, dobrando o jornal em quatro, agarrando-se à correia de couro, balançando com o movimento da carruagem, o travão e a aceleração, lendo o seu jornal em intervalos segmentados. Já terá lido toda a secção dos comentários quando chegar a Nova Iorque.

No seu tempo livre, Harry Mapplethorpe coleciona peixes tropicais e selos. É também um amante de Fotografia. Faz, ele próprio, a revelação das imagens. Não é o produto final que lhe interessa, é o processo da criação fotográfica.

Robert anda na catequese. A percepção do diabo dá-lhe a volta ao estômago. Esta é a personagem que tudo concretiza. O pecado é algo para o qual deve pedir-se perdão, mas Robert não acredita em Deus. Robert acredita em magia. Robert gosta dos rituais da Igreja. Gosta dos terços e dos crucifixos. Gosta da forma como os objetos estão expostos em cima do altar. Gosta de levar as

velas e as hóstias para a missa. Os fumos do incenso deixam-no tonto. O padre diz-lhe que Deus tudo vê. Robert gosta da ideia de ter alguém a observá-lo.

Robert está sentado dentro de um armário na sua casa em Floral Park, entre os lençóis e os cobertores, folheando as páginas de uma revista sobre nudismo. Olha para os corpos expostos, mulheres a jogarem voleibol, as suas pesadas figuras projetadas para a frente, os homens elegantes ao lado delas, os músculos rijos e fletidos. Robert começa a masturbar-se. Cheira-lhe a detergente para roupa e toalhas quentes. Olha para uma imagem e depois para outra, um corpo e depois outro, de corpo em corpo em corpo.

Robert Mapplethorpe aprenderá a dizer: «Floral Park era um bom sítio de onde vir, na medida em que era um bom sítio de onde sair.» Isto é o que dirá quando se tornar famoso. Aprenderá a fazer a distinção entre o lugar de onde vem e o lugar onde vive mais tarde.

* * *

O Robert com dezasseis anos dirige-se diretamente para a 42nd Street. Desvia-se dos mendigos, dos chulos, dos homens de negócios, serpenteia por entre o trânsito parado no semáforo. Tenta enfiar-se numa sala de cinema, mas não tem dinheiro — o funcionário manda-o embora, dando passagem a outros clientes. Ele sente-se agoniado. Calcula que seja a Igreja Católica a tentar atacá-lo, pelo que manda Cristo à merda e desce a rua a correr. Precisa de ver uma coisa. Para diante de uma loja de revistas que conhece bem. Quando dois homens entram na loja, entra agachado colado a eles. Esgueira-se ao longo

da prateleira das revistas, ao mesmo tempo que perscruta as capas. As revistas estão embrulhadas em papel celofane e as pilas estão tapadas com fita. Ele olha fixamente para as revistas. Apercebe-se de que *este* é o momento que tenciona memorizar — *este* momento, *esta* sensação no estômago. Apetece-lhe recortar as fotografias e fazer a sua própria arte a partir daqueles tipos e das respetivas pilas. Açambarca o que consegue e desata a correr.

Porém, o proprietário da loja e um homem parado junto ao balcão têm estado a observá-lo o tempo todo. Já sabiam o que ele iria fazer pois, se tivessem existido lojas como aquela quando eles eram novos, teriam feito exatamente a mesma treta.

Agarra-o, Joe!

O homem bloqueia a passagem a Robert.

O que é que levas aí, miúdo? Leitura para o fim de semana, é? O que é que queres que faça com ele?

Tem cara de bom rapaz; deixa-o ir. Não foi por mal, pois não, miúdo? Qual é o teu problema, rapaz? Não sabes falar?

Robert pontapeia o homem nos tomates e foge.

Não há nada como a cidade de Nova Iorque para um miúdo que quer perder-se na multidão.

Em 1963, Robert entra para o Pratt Institute e junta-se à fraternidade Pershing Rifles. Veste uma farda militar de cor escura e põe-se na fila. É despido, vendado e obrigado a levar a cabo um exercício. A boca de uma espingarda é-lhe introduzida no ânus. Um tijolo é-lhe atado ao pénis e em seguida ordenam-lhe que lance o tijolo pelo quarto. Essas atividades não penetram o seu exterior. Ele obedece a tudo. Quer ser testado ao limite máximo e, consequentemente, ser alvo de uma metamorfose. Está a desenvolver uma carapaça dura. Está a transformar-se. Quer pertencer. Quer ser alguém.

Nas férias de verão em 1964, quando Robert tem dezassete anos, trabalha nos jogos de sorte no Pavilhão Belga da Feira Mundial, em Queens. Na sua hora de almoço come waffles na banca dos waffles. Os grãos de açúcar colam-se-lhe aos dedos. Hoje não há nuvens no céu. Famílias, miúdos em carrinhos, segurando balões e balões atados aos carrinhos de bebés; detêm-se diante da entrada da igreja, erguendo o olhar para a torre lá no topo. Ouve-se música vinda do carrossel. As saias e os casacos das crianças passam numa mancha desfocada, enquanto o carrossel gira. As crianças riem-se.

Robert chupa o açúcar dos dedos e atravessa a praça. Contempla a ampla avenida na direção de onde ele sabe ser Manhattan, mas somente vê uma massa impenetrável, conjuntos de casaco e blusa de malha, t-shirts sujas, casacos de verão em tons de rebuçado, penteados armados e montados com rolos, miúdos de patins agarrados pelo colarinho pelas respectivas mães, os homens de fato e gravata, chapéus — assomam à entrada e invadem os passeios, de cachorro-quente na mão; vêm na sua direção, direitos ao monocarril. Já trazem o dinheiro do bilhete na mão.

Os cabos elevados do monocarril e dos elétricos preenchem o céu. Ele vê pavilhões gigantescos e miradouros de onde algumas pessoas observam a feira. Vê as pernas balouçantes do público. As pessoas esticam-se e debruçam-se para espreitar o recinto cá em baixo.

Ele avança por entre a massa de gente e volta para a abóbada belga. Precisa de ir para Manhattan, onde poderá ser ele próprio. Ouve bebés a chorarem e vê miúdos passarem a correr sob a abóbada, em direção à fonte e aos lagos centrais orlados com bandeiras internacionais. Turistas chegam de Manhattan empunhando gelados, as mãos peganhentas dos bebés. Ele não é um deles.

Robert recorta a imagem de um halterofilista e cola um círculo vermelho transparente por cima do entreperna. Está a fazer colagens com coisas que vai encontrando. Estas são as temáticas que mais lhe interessam contemplar. Mas os professores do Pratt não apreciam o trabalho de Robert. Não compreendem o que ele está a fazer. Pedem-lhe para se justificar, mas ele não o consegue fazer. Abandona Pratt porque é perigoso saber demasiado sobre determinada coisa. Há demasiados professores naquele lugar. Seja como for, ele não é um aluno, nunca foi e nunca será; ele é um artista.

* * *

Vocês não compreendem quem eu sou! Sou um artista! Sou alguém! Mas o pai de Robert nem sequer o olha nos olhos. O pai recusa-se terminantemente a olhar para ele. Não gosta da maneira como Robert se veste. Não gosta da maneira como Robert fala. Desaparece daqui, diz-lhe o pai. Robert faz as malas. Robert apanha o metro para Manhattan. O ritmo do comboio é o ritmo da sua pulsação. Isto é o que acontece quando somos o centro, o ponto focal de tudo. Não há nada para ver — um buraco negro —, viramo-nos para olhar, mas não encontramos nada. Eis Robert Mapplethorpe deslocando-se de fora para dentro, dirigindo-se diretamente para o centro de Manhattan.

Edmund White transpõe as portas automáticas do terminal e junta-se à fila de pessoas que esperam por um táxi. É o ano 2013. Malas e sacos de viagem pontuam o passeio. As pessoas à sua frente esticam o pescoço para verem se há algum táxi à vista.

Edmund fecha os olhos.

Vê o parque de estacionamento e a cidade, o seu passado e o seu futuro, o céu azul-vivo. Nova Iorque. Pálida, cáustica, sem remorsos. Edmund encosta a língua seca ao céu da boca. Isto é desagradável. Não dormiu. Não é fácil, este voltar atrás.

No táxi, à medida que avança, painéis publicitários fundem-se na velocidade. Eis os cemitérios de Queens, a afluência dos mortos. Sou velho, pensa Edmund, protegendo-se da luz do Sol. Baixa o vidro do carro — fumo de escape, sujidade. O motorista bate na divisória de plástico e aponta para um letreiro — *Não Baixe o Vidro; Este Táxi Tem Ar Condicionado*.

Entram na cidade por via da Ponte de Queensborough, transpondo uma arcada de vigas de aço que trespassam a paisagem em ziguezague, a vista para o East Side, o sorriso desdentado de Manhattan, esse esboço formidável, prédios altos e compridos, tremeluzindo por trás de vigas erigidas. Mergulham direitos ao Midtown.

Ali, a primavera está de passagem. Uma névoa luminosa paira sobre Columbus Circle e a entrada para o Central Park. Eis a leveza graciosa dos plátanos de Londres. As pessoas

sentam-se junto à fonte, vendo um homem tocar um saxofone que cintila sob a luz do Sol — dourado. Reclinam-se indolentemente, membros esticados, descontraídos.

Edmund está parado diante de um prédio na West 30th Street. Vira-se para ver o seu reflexo no vidro da porta da entrada. Enverga um fato bege amarrotado e uma gravata azul. A gravata está torta. Tem as faces ruborizadas; parece ter sido arrastado até ali contra a sua vontade. Dá uma pancadinha no vidro com o dedo. Dói-lhe a cabeça. Pode muito bem ser por causa do sol. Morou em Nova Iorque há muitos anos e sabe que o verão em Nova Iorque nos invade. A assistente do seu editor, assim que chegar, irá mostrar-lhe o seu apartamento. Ele espera no lado soalheiro da rua. Limpou os sapatos quando ainda estava em Paris. Ali, o couro brilha. Talvez seja o peso do tempo, e não o sol, o que ele sente.

Costumava passar os seus verões em Fire Island. Os parques de Manhattan foram sempre muito artificiais, ao passo que as dunas e as praias de Fire Island são selvagens e naturais. Naquele tempo tinha vontade de despir a roupa, caminhar livremente ao sol e banhar-se no oceano. Era descontraído e sereno, um jovem com um futuro. A sua vida parecera-lhe clara como a água, tão convidativa como a areia aquecida pelo sol. Fire Island era a sua ilha. Uma massa de terra solitária primeiro apinhada e depois esvaziada de gente. Homens protegiam os olhos com as mãos morenas e quentes.

Long Island está a aumentar de tamanho devido à acumulação de areia causada pelo movimento das marés. Essa terra nova muda o contexto do que já existe. Ele não sabe o que pensar de um lugar que não para de crescer.

Todos os anos é necessário plantar vegetação à mão, por forma a evitar que as dunas sejam levadas pelo mar. Ele não

sabe o que pensar de um lugar que, se deixado à sua sorte, pura e simplesmente desapareceria.

É sempre assim, pensa Edmund. Não obstante as recordações de total despreocupação, foram de facto as regras que mantiveram toda a gente no lugar. Naquela altura ele já sabia, e continua a saber, que, para além de sexo, o que existia por trás daquelas dunas de areia era tempo. Todos tivemos as nossas experiências, disse em tempos um entrevistador, apesar de eu não conseguir deixar de pensar que Edmund White continua mergulhado na sua.

Edmund White?

Ele vira-se e vê uma mulher com um bloco de notas com mola e a mão estendida. Peço desculpa por tê-lo feito esperar, diz ela. Vamos entrar?

Entram para o átrio deveras arrefecido pelo ar condicionado.

Gosto do nome White, diz ela. Faz lembrar o início de algo fresco, como lençóis lavados.

Ela prime o botão do quinto piso.

A superfície refletora da porta do elevador revela um Edmund White distorcido. A assistente ao seu lado lê os seus dados vitais numa folha de papel, presa ao bloco por uma mola de metal brilhante: Edmund White; apartamento de duas assoalhadas, com fácil acesso ao metro e às principais linhas de transporte; segunda-feira; contrato de arrendamento por finalizar.

O seu apartamento em Paris tinha portas que abriam para uma varanda com vista para o telhado de uma igreja. Brisas frescas a agitarem as pilhas de papéis. O som de chuva ligeira. Conversas. O Francês a entrar-lhe casa adentro como a brisa. Arestas, rugosas e por acabar. História, uma que ele desconhecia. Língua, algo que ele não compreendia. Respiração, trémula

e irregular. O corpo de um amante, quente e cheio de vida. O tempo a dilatar-se, delicioso e permanente.

O apartamento em forma de L é apenas temporário. A sua posição no bairro define-se pelas suas arestas rígidas e retas, pela configuração quadrada, o ângulo do soalho sob os pés dele, o contorno rígido da janela, com a moldura e o parapeito pretos. Nada pode entrar ou sair. As janelas estão seladas e o aparelho do ar condicionado sibila. As toalhas da casa de banho estão impecavelmente penduradas lado a lado. O estômago dele está preso num nó.

Em breve encontrará um espaço agradável em Chelsea ou no Upper East Side. Será um lugar que insinuará um futuro. Terá muita coisa para fazer, para consertar, emendar. Ele irá comprar mobiliário novo, peças de arte, quadros, estantes e livros. Mandará entregar os seus pertences antigos nesse local. Entregar-se-á de imediato ao trabalho. Irá dispor todos os seus cadernos em cima da mesa. Lerá todas as páginas. Organizará a sua vida por capítulos. Estudará um mapa da cidade. Escreverá sobre como eram as coisas no passado. Recordará as ruas imundas da cidade. Recordar-se-á de como ele próprio era. De como tudo começou para si, nos anos 1960, quando chegou a uma cidade à beira do colapso, tanto a cidade como ele próprio. Associará essa temática do fim da cidade à noção de que, para ele, as coisas estavam apenas a começar, como se alguém tivesse acendido uma luz para Edmund e ele pudesse finalmente ver o mundo.

A assistente acende a luz da cozinha e abre a porta do quarto. A cama temporária encontra-se encostada à parede. Veem-se marcas cinzentas na superfície do colchão. Edmund não tem lençóis. Terá de ir à rua comprar lençóis. Terá de sair e comprar uma série de coisas — roupa e utensílios de cozinha. Será tudo novo e a estrear. Abrirá a janela para deixar entrar o ar.

Tenho aqui uns papéis para assinar, diz a assistente, pousando a pasta em cima do sofá.

Ela abre a pasta e tira os papéis. Tem uma malha caída na parte de trás da meia de liga. A meia dela é um véu. Não te posso tocar, pensar Edmund. Ele observa-a a remexer nos papéis. Páginas a serem folheadas. Ela não está com pressa. Não tem outro sítio onde estar. Gosta de estar ali com Edmund White. Edmund White é um autor famoso. Edmund White escreveu muitos livros. Ela irá perguntar-lhe se a assinatura dele é a mesma que utiliza para autografar os seus livros e ele responder-lhe-á que não se lembra. Dirá que não é uma máquina, que não pode simplesmente autografar livro após livro sem que existam consequências. Dirá que não é a mesma pessoa que se vê na sua fotografia de autor, que foi feita há muitos anos. Ele não é esse homem. Esse é outro Edmund White. Pensas que esse homem sou eu, mas esse Edmund White, *esse* Edmund White é um estranho, um homem do passado. Esse Edmund White é apenas um homem numa fotografia.

Robert Moses olha pela janela do comboio, para as cidades e aldeias de Long Island. Estamos em 1922. Ele avista pedaços do oceano, o sol resplandecente refletido sobre o espelho de água, barcos a navegarem. Ao deixarem uma cidade para trás, ele avista na lonjura um bosque que abrange uma área vasta. Não faz ideia para que é utilizada aquela extensão de terra. E depois ela desaparece.

Moses adora a cidade de Babylon em Long Island, onde arrendou um *bungalow* com a mulher. Pode passear pelas ruas tranquilas e descer até à praia. Pode nadar sozinho no mar. É enérgico mas também elegante quando nada. Prefere o mar mais agitado. Gosta de remar contra a corrente. Visto de cima é o mesmo que observar uma máquina, a linha direta de movimento na água causada pelo seu corpo, aqueles ombros fortes e corpulentos, as costas largas e definidas.

Robert Moses está ocupado a trabalhar afincadamente para o governador, mas há muitas outras coisas que pretende fazer. A maioria dos nova-iorquinos não tem oportunidade de nadar no mar. As crianças jogam basebol em ruas congestionadas de trânsito. Nadam no East River, que está poluído de lixo. As famílias habitam apartamentos arrendados em bairros degradados sobrepovoados, sem qualquer acesso a jardins ou a parques públicos. Os verões em Manhattan são implacáveis. Sem assistência,

é possível morrer-se. Quem tem automóvel desloca-se a Long Island. Mas aquilo que no papel parece ser uma hora de viagem de carro na realidade pode traduzir-se em quatro horas ao longo de estradas sem condições. Toda a gente está a tentar ir para outro lugar, mas não há para onde ir, nem forma de lá chegar. As pessoas ficam horas e horas paradas no trânsito. Passam lentamente pelas propriedades das famílias mais abastadas da América, os Morgan e os Vanderbilt. Passam pelas colunas e pelas entradas com portão, pelos torreões de castelos, pelos relvados imaculados dos ricos.

No caminho a pé da estação de Babylon até sua casa, Moses matuta sobre o bosque que todos os dias vê do comboio. Não devia existir terreno inutilizado.

Robert Moses vai à Câmara Municipal de Babylon e pede para ver um mapa da ilha.

Aquele bosque junto à costa, pergunta ao funcionário, para que serve?

É o antigo abastecimento de água de Brooklyn, responde o funcionário. Um sítio para armazenar água, para o caso de esta faltar. Nunca foi utilizado, tanto quando sei.

Robert Moses arranja um carro com motorista. Atravessa Long Island ao longo da Merrick Road. No fim da rua sai do carro, galga a vedação e entra no bosque. Abre caminho por entre a vegetação rasteira, por entre os fetos e a vegetação silvestre, por entre as silvas. Aquilo não é um bosque qualquer, são 1400 hectares de floresta. Descobre quatro reservatórios de água doce rodeados de lírios e lúcios, com trutas a nadarem de um lado para o outro. Descobre um reservatório maior do que o do Central Park. Parece que já o está a imaginar, um parque natural recreativo com campos de ténis, um estádio de basebol e um

campo de golfe, mesas de piquenique, trilhos para caminhadas, lagos utilizados para nadar e espaço suficiente de sobra para construir uma estrada em direção ao mar, bem como uma nova praia pública.

Moses lê sobre as lendas da Great South Bay, sobre os naufrágios e os pescadores daquela região. Questiona os apanhadores de ostras locais sobre a ilha: quais as zonas ainda por explorar? E como é que ele pode chegar a elas?

Moses compra uma pequena embarcação. A sua mulher batiza-a com o nome *Bob*. Ele parte sozinho no barco e percorre a costa de Long Island. Procura enseadas escondidas, fiordes, dunas e florestas.

Há uma extensão de areia denominada Jones Beach à saída da costa sul de Long Island, cujo acesso só é possível de barco. Moses trava o barco e arrasta-o para a praia. Senta-se na praia deserta, que se prolonga até perder de vista, a areia branca como a neve estendendo-se no sentido este e oeste.

Moses explora a Jones Beach, percorre-a para cima e para baixo. Senta-se e pensa. Caminha sobre a vegetação rasteira e entra no oceano. Nada. Enquanto flutua na água, contempla o areal.

* * *

Mais uma vez, Moses atira o almoço para dentro do *Bob* e parte. A navegação faz-se de forma tranquila, somente a água transparente debaixo dele e a sua própria sombra projetada no casco da embarcação. Não há mais barcos à vista. Nem uma única nuvem no céu. Dirige-se para este, em direção a Fire Island,

a ilha-barreira seguinte. Desliga o motor e arrasta o barco até à areia. Protege os olhos do sol. Percorre as dunas de areia, a vegetação, os charcos selvagens. Aquelas coisas não constam de nenhum dos mapas que estudou. O local está limpo e virgem. Puro. Não está poluído nem sobrepovoado como Coney Island, não se ouvem palavrões nem se veem cenas escandalosas. Nada de gente doida. É um espaço natural. É o ambiente perfeito, um novo começo. E está a crescer. Ele dá por si no meio de muitos hectares de praia quando, segundo o mapa, deveria estar dentro de água. As marés produziram terra nova por meio da sua ação natural. Isto é valor resultante da passagem do tempo, conclui ele.

Moses vê-se a braços com os vários poderes da Câmara Municipal, com as instituições, os fura-vidas, os populistas e os idealistas, os homens do dinheiro, os proprietários dos terrenos, os engenheiros, o governador civil e o presidente da câmara. Todos lhe dizem que não. Dizem-lhe que não há dinheiro para tal coisa. Dizem-lhe que ninguém se interessa por estradas e pontes, e que ninguém quer saber de praias públicas. O governador Al Smith não é homem dado ao desporto nem às atividades recreativas. Não gosta de assistir a jogos de basebol. Jamais seria capaz de correr. Mas é precisamente esse o homem que Moses precisa de convencer.

Al Smith nasceu no Lower East Side, em 1873. Aprendeu a nadar no East River mergulhando dos pontões decrépitos para a água poluída, juntamente com os seus amigos. O lixo que flutua na água fazia parte do cenário. O mundo de Smith limitava-se ao Lower East Side, pois era lá que residia o mundo inteiro, a maior concentração de diferentes nacionalidades na América. As ruas eram o seu recreio, o seu espaço de lazer, os becos escuros as

suas pistas de corrida, os canos rotos os seus lagos, as pedras soltas da calçada o seu curso de obstáculos. Assistiu à conclusão da Ponte de Brooklyn pela janela do seu prédio. A sua família era irlandesa e italiana. Sabia o que significava ser um forasteiro e ter de aproveitar as oportunidades sempre que estas surgissem. Não era letrado como os outros políticos. Não os compreendia quando eles falavam. Não conhecia o processo da criação de uma proposta de lei. Levou a legislação para casa e leu-a de ponta a ponta. Leu tudo o que pôde para tentar compreender. Não era bem relacionado, mas as pessoas simpatizavam com ele. Tinha jeito para lidar com elas. Era capaz de as olhar nos olhos. Falava sempre com toda a franqueza. Conhecia toda a gente no bairro. Sabia como era a vida dos seus habitantes. Morava na Baixa e não nos bairros abastados da zona alta da cidade.

Então porquê ter simpatizado com Robert Moses? Esse jovem letrado, profissional e formado em Yale? Teria percebido os elementos de um bom ser humano no brilho do seu olhar? Seriam os ideais de Moses o que mais lhe agradavam nele? No início, Moses tinha muitos.

Moses faz Al Smith sair do carro e aponta para onde será o parque natural. Explica-lhe a disposição do acesso à ponte e a travessia até ao areal afastado da costa, que será a Jones Beach.

Moses diz: O parque central vai chegar até aqui, a entrada para os banhos públicos a oriente será aqui, de cada lado da ponte haverá um parque de estacionamento, ali ficará o café com um passadiço a todo o comprimento da orla exterior, e depois a praia mais à frente. Os nadadores-salvadores terão vários postos espaçados e instalaremos os balneários ao lado da casinha de primeiros socorros, e haverá serviços no interior desses balneários: casas de banho, chuveiros, cacifos e salas para muda

de fraldas. Aqui vai ser o anfiteatro, uma parede exterior curva e bancos de pedra, e haverá casas de banho e camarins nos bastidores. Haverá também piscinas de lazer e piscinas de saltos, espreguiçadeiras e mesas, e um restaurante ao lado dessa zona. Mais à frente será o espaço dedicado aos jogos, shuffleboard, ténis de mesa e raquetes, riques de patinagem e um campo de golfe. E aqui, uma zona para sombra adicional. Plantaremos vegetação à mão, para manter as dunas no sítio. Consegue visualizá-lo, governador?

Meu Deus, respondeu Smith.

Em 1924, Al Smith nomeia Robert Moses comissário do Long Island State Park. Moses pega no seu segurança e no carro com motorista e percorre os jardins traseiros das propriedades de Long Island, exibindo as suas novas credenciais da Câmara Municipal. Anota as dimensões do terreno. Tira medidas com a ajuda de uma fita métrica e fotografa. Dá instruções ao seu pessoal para fazerem o mesmo. Quando contempla as mansões grandiosas, olha através delas. Não vê os protestos dos proprietários, de todo. Vê o potencial da terra sem as casas, sem aqueles homens no seu caminho.

Al Smith segura Moses pelo braço e ambos passeiam pelo Lower East Side. Descem a Orchard Street, atravessam a Delancey, sobem a Bowery e seguem até Mott Street. Caminham por entre a multidão de gente que se debruça sobre os artigos à venda nas bancas de rua. Smith para e cumprimenta algumas pessoas.

Al!, exclamam elas. Como é que está a Katie? Dá cá um aperto de mão.

Smith diz para Moses: É assim que se gere uma cidade. Temos de estar preparados para apertar a mão às pessoas normais.

Moses faz várias visitas a uma quinta em Long Island. Inicialmente, é o homem mais simpático que a família alguma vez conheceu, com o casaco do fato pendurado ao ombro numa postura descontraída, ao mesmo tempo que a sua figura corpulenta avança por entre os campos desafogados. Detém-se para inspirar profundamente o ar puro. A família está à espera para ouvir aquele homem importante falar. É como se ele tivesse vislumbrado um pedacinho do Céu no que eles estão ali a fazer. Caramba, estão convencidos de que ele lhes vai dar dinheiro para preservarem o sítio tal como se encontra. No interior da casa, Moses ajuda a mãe da família a fazer o café e fala sobre a sua infância em Connecticut, no quão maravilhoso era morar nesse espaço aberto. Pergunta à mãe sobre os filhos dela: são saudáveis? Gostam de morar no campo? Explica-lhe que as coisas não são nada fáceis para as crianças de Manhattan — a falta de espaço, a falta de higiene, as doenças. Se as crianças fossem trazidas de Manhattan para verem esta quinta, ficariam incrédulas.

Mas não vai continuar assim por muito tempo, diz Moses. Os construtores chegarão aqui mais cedo ou mais tarde, e vão destruir esta terra para construírem habitações novas. Em breve, todo o Estado de Nova Iorque será uma visão impressionante, nada à exceção de casas. O melhor a fazer é tornar partes desta região acessíveis a toda a gente. Permitir que os que moram na cidade venham visitar de vez em quando. Deviam ver os rostos daquelas crianças. Se os vissem, ficariam destroçados. A única coisa que eu preciso de fazer para melhorar as vidas delas é construir uma estrada a direito entre Brooklyn e Long Island. É aqui que vou construir a minha praia. Como é que a quinta se está a safar?, pergunta Moses, não ao pai mas à mãe. A hesitação dela diz tudo. Posso dar-lhe uma boa maquia por esta terra. A estrada não irá passar perto da casa. Terão dinheiro suficiente para comprarem mais terreno noutro lugar qualquer.

Não queremos mais terreno, responde o pai. Não queremos o seu dinheiro.

Pensem no assunto, diz Moses.

Não queremos vender, replica o pai.

Moses pega no casaco e no chapéu. Agradece à mãe o café e despede-se de todos.

Quando regressa, Moses faz-se acompanhar de um exército de homens de fato e gravata. Entra na cozinha e pousa as plantas novas em cima da mesa. Diz que agora oferece metade do montante original. E a estrada, que antes passava pelo cume da colina, agora passa mesmo ao lado da casa.

O pai exclama: Não pode fazer uma coisa destas; vou contratar um advogado e vou...

Moses dá uma risada.

No espaço de seis meses a família perde a quinta.

Merrick Road precisa de ser alargada e transformada numa alameda, e vai ser preciso construir mais duas alamedas para ligar Long Island ao areal. Ele vai ter de construir uma ponte que passe sobre a água até à ilha, e vai ter de levantar o banco de areia de modo a ficar elevado o suficiente para se poder construir em cima dele. Não pede autorização aos donos das propriedades de Long Island. Moses entra no terreno deles e tira medidas. Avistam-no das janelas dos seus quartos e chamam a segurança. Moses regressa com um guarda armado e o consentimento do governador civil. Os proprietários levam Moses a tribunal e durante um tempo parece que Moses poderá perder a sua preciosa praia. É criticado por não seguir os trâmites legais, por não estabelecer negociações com o outro lado. Limitara-se a aparecer de rompante com os punhos erguidos no ar.

Ser razoável não faz com que as coisas apareçam feitas, diz ele.

Moses espera que a estação mude, quando toda a gente fica com vontade de ir à praia. Então dirige-se ao tribunal, descrevendo a situação das pessoas vulgares nos dias tórridos em Nova Iorque, sem espaço de lazer ou para se refrescarem, enquanto as famílias mais ricas da América se servem de Long Island como se fosse um recreio privativo. Agora os jornais têm um tema para explorar. *Moses, o salvador. Moses, o herói.* Ele está do lado do povo. *Onde Está a Nossa Praia?! Ansiamos por um pouco de ar fresco!*

Moses descobriu que quando se é a favor das praias é-se a favor da população. Está tanto calor, que toda a gente quer praias. A cidade inteira deseja uma praia.

O que o tribunal não sabe é que Moses já começou a construir a sua praia. Deitou abaixo o bosque e começou a construir as estradas de acesso. Mediu todo o perímetro e mandou vir todo o material. Que tribunal deste país é que vai ordenar a reversão de trabalho no valor de centenas de milhares de dólares?

Ele diz: Depois de termos enfiado a primeira estaca, jamais nos obrigarão a retirá-la.

Nova Iorque. A capital do século xx. A cidade inspiradora, que seduz, onde todos observam, onde todos estão atentos ao que irá acontecer a seguir.

1967. Robert Mapplethorpe sabe que é artista. Na sua casa de infância, em Queens, anseia pelo calor, pela excitação da cidade, pelos corpos de outras pessoas. Quer ser visto, quer ser célebre.

1891. Walt Whitman já é famoso. Acomodou-se a uma forma de velhice muito sua. Ainda inocente, ainda deslumbrado, viaja com o seu amigo e biógrafo Bucke para a cidade que sempre amou, palco dos seus grandes triunfos e rejeições.

1922. Robert Moses é um homem com uma ideia em mente. Observando à distância a silhueta de Manhattan, antecipa o futuro da cidade. É ele quem vai construir a Nova Iorque moderna.

2013. Edmund White está de regresso à cidade da sua juventude, da sua vida e das suas paixões. No quarto de hotel, recorda com prazer os dias lascivos e as noites de euforia do passado. Mas, entretanto, passaram os anos, cumpriu-se o volver do tempo...

Este é um romance em forma de carta de amor a Nova Iorque, escrito a partir das vidas dos homens e das mulheres que a fazem — as suas vozes e obras de arte são urdidas com tal sensibilidade por Megan Bradbury, que a cidade se eleva das páginas do livro perante os nossos olhos: complexa, tentadora, sempre mutável.

«Num livro que é, ele próprio, uma espécie de cidade de palavras, eis uma reflexão bonita e polifónica sobre a sublimação e a transformação do desejo em arte.»

SIMON RICHARDSON, BBC

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-55-5



9 789898 843555

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT